



ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR – SOCULTURAS
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Recredenciado pela portaria do Ministério da Educação nº1.520, publicado no D.O.U. em 26 de dezembro de 2016

ISSN – 2317-2487



REVISTA

TEÓFILO

OS VALORES NA OBRA FILOSOFIA DOS VALORES DE JOHANNES HESSEN

Elenir Cardoso Figueiredo*
Antonio Rômulo Pereira Ribeiro de Sousa**

RESUMO

O presente trabalho trata do problema do valor, a partir da obra *Filosofia dos Valores*, de Johannes Hessen. O objetivo do artigo é vislumbrar as questões que envolvem a temática, perpassando a história da filosofia dos valores, a questão do conceito de valor, a validade e a classificação dos valores. O valor é um objeto de vivência que pode ser experimentado. Além disso, é dotado de um conceito supremo e pode ter significações distintas, afirma Hessen.

Palavras-chave: Valor. Filosofia dos Valores. Johannes Hessen.

ABSTRACT

This article addresses the value problem presented on Johannes Hessen's book entitled *Philosophy of Values*. The objective of the article is to bring out the questions that surround the theme, going through the history of the philosophy of values, the question of the concept of value, the validity of values and the classification of values. Value is an object acquired throughout life and it can be experienced. Moreover, it has a supreme concept that can have different meanings, as Hessen says.

Keywords: Value. Philosophy of Values. Johannes Hessen.

1 INTRODUÇÃO

*Mestra em Educação, especialista em Psicologia Educacional e Psicopedagogia, graduada em Filosofia e Pedagogia. Professora do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI.

Endereço eletrônico: figueiredoelenir030@gmail.com

** Licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI e bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI.

Endereço eletrônico: romullo.sousa@hotmail.com

O tema dos valores é uma questão que ganha força no campo da reflexão filosófica. Na verdade, trata-se de um tema que, antes de se fazer presente no campo científico, toca a muitos, porquanto é comum deparar-se com conflitos entre gerações que não comungam dos mesmos valores, sejam morais, políticos, religiosos ou estéticos. Diante das inúmeras possibilidades de reflexão, este tema foi escolhido porque é um problema que envolve toda a sociedade contemporânea em seus diversos segmentos.

Mesmo se tratando de um tema que há muito se discute, o valor é um ramo filosófico relativamente recente. Por isso, tomando como referência principal a obra *Filosofia dos Valores*, de Johannes Hessen, um expoente desta temática, apresentar-se-á sinteticamente a história desta filosofia, o que se pode dizer sobre o termo valor, bem como sua validade e classificação.

Colocar-se diante deste problema, certamente, não é tarefa fácil. Porém, para que se possa alcançar uma visão reflexiva a respeito dos valores, este trabalho demonstra ser conveniente.

2 A HISTÓRIA DA FILOSOFIA DOS VALORES

O termo filosofia dos valores é relativamente recente, apesar de remontar a antiguidade clássica. O objeto de estudo da filosofia dos valores sempre foi uma temática relevante. O primeiro filósofo a assumir importância na história da filosofia dos valores foi Sócrates. Foi ele quem se dedicou intelectualmente a combater o relativismo e o subjetivismo dos sofistas, defendendo a objetividade e o absolutismo dos valores éticos.

No percurso de desenvolvimento da filosofia dos valores, outros filósofos ganharam destaque por sua contribuição. Pode-se citar Platão que, com sua Teoria das Ideias, acabava por preocupar-se com a problemática dos valores. Um exemplo é o fato de que a sua concepção de mundo era fundamentada pela ideia de Bem. Aristóteles apresentou um Cosmos das formas, ao invés de um Cosmos de *Ideias*¹. O valor acaba aparecendo como uma grandeza cósmica diante das disputas escolásticas a respeito do *bonum* que foram fundadas em Platão e Aristóteles. “As formas essenciais são, ao mesmo tempo, o princípio de perfeição das coisas,

¹O destaque em itálico é apresentado por Hessen, em seu livro *Filosofia dos Valores*. Pretende-se manter o destaque em itálico para enfatizar a palavra-chave que remete ao pensamento apresentado. Outras palavras em itálico aparecerão, obedecendo a este mesmo propósito.

que reside na realização do seu próprio fim imanente. O valioso adquire assim um caráter cósmico” (HESSEN, 1980, p. 24-6).

A Filosofia moderna proporcionou grandes contribuições para a elaboração da filosofia dos valores. Kant, por exemplo, dedicou-se a confrontar a ética clássica que o precedeu, apresentando uma filosofia marcada pelo criticismo e opondo-se ao dogmatismo. Seu pensamento é a busca pela construção de uma filosofia isenta de conceitos dados anteriormente. Ao invés disso, é necessário questionar-se a respeito das próprias faculdades da razão e, por conseguinte, sobre quais são as possibilidades do conhecimento, bem como seus limites. Foi a partir deste pensamento que Kant realizou uma *revolução copernicana* na Filosofia. (BAMBIRRA, 2008, p. 4905).

Lotze é o filósofo que pode ser chamado de verdadeiro pai da moderna filosofia dos valores. Foi ele quem introduziu na consciência da filosofia contemporânea os conceitos de *valor* e *valer*. Ele realizou uma distinção rigorosa entre valor e ser, colocando o mundo dos valores em contraposição ao mundo do ser. Seu pensamento consistia em afirmar que, da mesma forma que se capta o ser através da inteligência, se apreende o valor através de um sentir espiritual específico (HESSEN, 1980, p. 26-27). Porém, para ele, *ser* e *valor* têm uma mesma raiz, a saber:

A essência das coisas não consiste no pensamento; a essa o pensamento do homem não consegue apreendê-la; só o espírito na sua totalidade (*der ganze Geist*), só esse, conseguirá talvez apreender, por meio de outras formas da sua actividade [sic] e impressionabilidade, o sentido essencial de todo o ser. (apud HESSEN, 1980, p. 27, grifo do autor).

Nietzsche foi quem introduziu no vocabulário da Filosofia alemã a palavra *valor*. No entanto, não existem dúvidas de que antes dele o termo *valor* era amplamente utilizado em economia política. Ele reconheceu e proclamou a inversão dos valores, com o objetivo de pôr fim às velhas tábuas de valores e de mudar para outras novas.

No progresso da filosofia dos valores, o filósofo alemão Brentano deu uma grande colaboração, ao escrever a obra *A Origem do Conhecimento Moral*. A natureza do valor é reconhecida por Brentano como de um *phaenomenon sui generis*. Esta sua visão certamente teve importante influência sobre outros pensamentos axiológicos. Seu pensamento será percebido de modo categorial nas correntes psicologista e fenomenológica dos valores. Foi ele quem desenvolveu o conceito de intencionalidade, base da Fenomenologia desenvolvida por seu aluno Husserl.

“O filósofo distingue três classes de fenômenos psíquicos entre as referências intencionais, retomando o tema tratado nas Meditações cartesianas, mas até então ignorado” (BAMBIRRA, 2008, p. 4907). A primeira classe é constituída pelas *representações*, que podem ser intuitivas ou obtidas pelos sentidos; a segunda classe é a dos *juízos*, que provocam ininterruptamente um representar, porém, nem sempre associando uma representação a outra; a terceira classe é a das *emoções*. Brentano assume, em sentido vasto, abarcando “desde a simples atração e repulsão, ao pensar um pensamento, até a alegria e tristeza baseada em convicções, e os mais complicados fenômenos de eleição de fins e meios” (BAMBIRRA, 2008, p. 4907-8).

De acordo com Bastos (2006, p. 215), do fato da filosofia dos valores ser um estudo relativamente recente, várias correntes podem surgir. Diante disso, é possível destacar pelo menos quatro correntes principais. A primeira corrente, conhecida como Psicologismo axiológico, defende que os valores estão situados na alma humana. No processo de vivência, os valores vão sendo experimentados. Este pensamento implica dizer que os valores estariam dirigidos pelo relativismo e pelo subjetivismo.

No Cosmologismo, a segunda corrente, os valores estão aludidos ao Cosmos, de modo que o valioso das coisas acontece afinal, numa visão metafísica, com o ser essencial delas. Neste caso, o valor deve ser considerado como uma determinação particular do ser. A crítica que pode ser feita a esse pensamento diz respeito à carência da distinção entre a ordem do ser e do valor (não há uma distinção entre o ser valioso e o ser natural).

A terceira corrente, o Neokantismo, afirma que a realidade é formada pelo mundo interno e pelo mundo externo. Trata-se da ordem real do ser, onde se contrapõe a ordem ideal, constituindo a esfera das coisas que valem. Nesta esfera, está inserido tudo que tem valor ou validade. Nesse caso, os conceitos de valor, de valer e de ser válido coincidem entre si. Isto pode ser chamado de *logificação* dos valores.

Por fim, a quarta corrente, o Ontologismo, apresenta uma esfera independente na qual os valores são concebidos. Essa esfera baseia-se em si mesma, o que implica dizer que os valores não são determinação ou modo de ser de algum ente, mas entes em si. Não no sentido de uma existência real, mas no sentido de uma existência real objetiva. Isto é, a *coisificação* dos valores (BASTOS, 2006, p. 215-6).

Neste sentido, a chegada de uma conciliação parece ser quase impossível. No entanto, têm-se empreendido esforços na busca da superação das contradições fundamentais. Tendo realizado este percurso numa perspectiva panorâmica a respeito da filosofia dos valores e

dado que ainda não é possível conciliar todas as correntes, faz-se necessário um aprofundamento a respeito do próprio termo valor, o que pode ajudar a clarificar as questões envolvidas nesta filosofia.

3 O CONCEITO DE VALOR

Que conceito pode-se atribuir ao termo *valor*? Hessen (1980, p. 37) afirma que não é possível definir rigorosamente o conceito de valor. O fato se dá porque se trata de um conceito supremo, da mesma forma que os termos *ser* e *existência* não aceitam definição. E o que pode ser feito? Apenas uma tentativa de clarificação do seu conteúdo.

Quando pronunciamos a palavra “valor” podemos com ela querer significar três coisas distintas: a *vivência* de um valor; a *qualidade* de valor de uma coisa; ou a própria *ideia* de valor em si mesma. Se quisermos significar com esta palavra, exclusivamente, a vivência, permaneceremos no domínio da consciência, da Psicologia e do psicologismo. Se entendermos por ela unicamente uma qualidade, um particular modo de ser das coisas, permaneceremos no domínio do Naturalismo, em que o valor é apenas uma qualidade real de certos objectos [sic]. Se finalmente entendermos por valor apenas a sua ideia, não tardaremos em *coisificar*, em hipostasiar, os valores, como já aconteceu com Platão. (HESSEN, 1980, p. 37-8, grifo do autor).

As concepções podem ser caracterizadas como exclusivistas ou unilaterais. O fato se dá porque cada uma delas faz a apreensão de uma parte da realidade, o que realmente reduz o fenômeno a um momento. O valor é algo que realmente pode-se experimentar, é um objeto de vivência. Este é um fato que não se pode negar. Por exemplo, pode-se experimentar o valor de uma paisagem encantadora, de uma obra de arte ou o valor de uma personalidade extraordinária.

Existem também as qualidades valiosas. Os exemplos citados anteriormente, uma paisagem encantadora, uma obra de arte e uma personalidade extraordinária, demonstram a existência de certa qualidade, um *quale*, que lhes compõe o caráter, despertando o sentimento referente. Em se tratando da ideia do valor, é importante ressaltar que ela consiste no conceito de gênero sob o qual é colocado em necessidade o conteúdo das vivências de espécie igual. Pode-se citar, como exemplo, os conceitos de bem e belo.

Todo o valor, no entanto, é dado exatamente na *consciência dos valores*, na vivência que se tem deles. Refletir a respeito do conceito de valor é certamente refletir sobre o que pode ser valioso, é refletir sobre um lado da vida, a vida dos valores. Neste sentido, a Vida dos valores não é o mesmo que a vivência dos valores, dado que a vivência dos valores não

imprime toda a vida deles. Então, em que consistiria esta vivência? Consistiria apenas no lado passivo da vida dos valores (HESSEN, 1980, p. 38-9).

O lado ativo consiste em reconhecer algo como valioso, atribuindo-lhe algum valor. Quando se realiza esta atribuição, este algo passa a ser valioso. Noutras palavras, “valorar algo implica ter uma relação de não-indiferença, na qual este algo é visto como tendo qualidades boas ou não boas para necessidades humanas” (LORIERI, 2010, p. 2).

Percebe-se que o termo valor não pode ser tão facilmente conceituado. Assim, não é algo que tem existência em si mesmo. Sua existência está em função de alguém. Qualquer indivíduo pode atribuir um valor, julgar e apreciar, por fim, emitir um *juízo de valor*. No percurso da vida, emitem-se constantemente juízos de valor. Da mesma maneira que o ser humano tem necessidade de conhecer e querer, ele tem de valorar. Tudo o que, de alguma forma, se deseja ou se quer, manifesta algo de valoroso, tem um valor. É possível valorar vários objetos, coisas ou situações.

Tratando-se dos juízos de valor, pelo menos duas direções são possíveis. Os juízos de valor podem ser positivos ou negativos. Em alguns casos, toma-se algo como valioso, em outros casos, considera-se como sem valor (BASTOS, 2006, p. 217). Determinados objetos podem ser considerados valores positivos, porém, não é possível chegar a um consenso sobre o mesmo objeto. Pode acontecer que uma representação de valor positivo seja considerada por um determinado grupo um valor negativo.

Diante deste dilema, é importante adentrar na questão que envolve a possibilidade de validação dos valores. A possível elucidação desta questão deverá colaborar na compreensão do porquê de um desencontro na atribuição dos valores às coisas, seres e objetos.

4 A VALIDADE DOS VALORES

O percurso realizado até aqui mostra que os valores realmente existem e isto não pode ser negado. Durante a vida, atribui-se valor a muitas coisas, como a uma imagem, uma casa, um carro, dinheiro, saúde, educação etc. Todas estas coisas passam a ser valores, entretanto, podem valer para algumas pessoas e, para outras, não. Estes valores podem ser considerados *individuais e subjetivos*.

Podem-se citar outros tipos de valores, os *subjetivos gerais*. São aqueles que têm validade para toda a espécie humana, que despertam interesse em todo homem, enquanto ser

natural. Por exemplo, os alimentos e a saúde. Estes valores constituem uma classe de valores inferiores, podendo ser chamados também de puramente *sensíveis*.

Permite-se agora fazer a seguinte problematização: dada a existência dos valores subjetivos, que podem ser individuais ou gerais, não seria possível tratar de outros valores que tivessem uma validade *objetiva* ou, segundo a linguagem de Hessen, *transsubjetiva*? O desafio se dá no fato de que os valores existem porque estão em relação com um sujeito. Então, como seria possível falar objetivamente de algo que só tem existência estando ligado intimamente a um sujeito?

Diante desta questão, é possível falar de uma validade objetiva, porque existem valores que não dependem do reconhecimento dos homens para que sejam valores. Estes valores são os mais altos e podem ser chamados de *espirituais*. Eles pertencem a um reino de validade que não está ligado ao tempo, além de dirigir um apelo incondicional a todos os homens, com a exigência de serem reconhecidos como válidos (HESSEN, 1980, p. 94-5).

Esta validade é *objetiva e absoluta*. “Objetiva, porque reside na própria essência do valor; absoluta, porque é incondicional e independente de quaisquer valorações acidentais e particulares dos indivíduos” (HESSEN, 1980, p. 95). No entanto, o *relativismo axiológico* nega a validade dos valores.

A doutrina do relativismo axiológico afirma que aquilo que é valor para alguns pode não ser valor para outros. Trata-se de uma negação dos valores objetivos, absolutos. “O relativismo axiológico resume-se essencialmente em *cepticismo*, pois recusa aos juízos de valor toda e qualquer espécie de validade objetiva [sic]. Este cepticismo acompanha o cepticismo [sic] lógico” (HESSEN, 1980, p. 95). O ceticismo prega que nada é verdade e que coisa nenhuma é, ou pode ser, valiosa em uma perspectiva objetiva. Enquanto o ceticismo nega a existência de qualquer validade objetiva, o ceticismo lógico afirma que nada pode ser verdade.

No entanto, o *ceticismo lógico* se enfraquece pelo fato de carregar uma contradição prática, a saber:

Ao exigir, sob a forma de uma regra, ‘não reconheça como válida nenhuma regra prática’, o cético ético incorre em uma contradição prática, e com isso anula a si mesma enquanto prática, pois enuncia uma regra que nega o caráter vinculante de toda regra. Negando o caráter vinculante de toda regra (isto é, o reconhecimento de sua validade), a própria regra enunciada pelo cético perde sua legitimidade e resulta em um contrassenso prático. (PEREIRA, 2013, p.117).

Em síntese, não é possível dar validade ao ceticismo lógico, pois ele pressupõe que nada pode ser verdade. Neste sentido, há uma contradição, porque nem mesmo a própria argumentação pode ser validada. Querer apresentar uma verdade pressupondo a inexistência de nenhuma verdade é contradizer a si mesmo.

Diante deste fato, poder-se-ia afirmar que o mesmo se daria com o relativismo axiológico. No entanto, Hessen (1980, p. 96) afirma que deve-se responder negativamente. A negação do valor suprime a esfera dos valores, no entanto, não suprime a esfera do conhecimento lógico, nem toda a verdade.

Tendo até aqui feito uma apreciação de uma vertente dentro de uma reflexão sobre a validação dos valores, a saber, do relativismo axiológico, pode-se buscar explicar como se daria a *fundamentação positiva da objetividade dos valores*. É possível estabelecer esta objetividade por três vias: fenomenológica, ontológica e na ótica da Filosofia da Cultura.

A primeira via reflete sobre o que se experimenta e se vive dos valores, afirmando que eles não se apresentam apenas subjetivamente, mas como algo objetivo onde se estabelece uma adesão. Os valores não se fundam somente na subjetividade, mas em algo que transcende, que está para além da consciência. Para a fenomenologia, os valores, quando vividos, são dotados de uma objetividade que independe do sujeito. A vivência de um valor implica, certamente, a vivência de sua objetividade.

A via ontológica se baseia na contemplação da referencialidade dos valores em relação ao sujeito. Na natureza espiritual do homem, encontra-se o ponto e referência ôntico. Pelo fato da natureza espiritual ser igual em todos os homens, a identidade dos mesmos valores pode ser compreendida por todos. Este fato implica em uma validade objetiva que está para além do indivíduo. No entanto, esta argumentação só pode convencer aqueles que crerem na espiritualidade do homem. A negação do espírito implica na negação dos valores espirituais, que tem validade absoluta.

Por fim, a terceira via *filosófico-cultural*, defende a cultura como um fato que não pode ser negado e que consiste na realização de valores objetivos realizados através de uma atividade humana. A existência dos valores objetivos é pressuposta pela existência da cultura. Esta perspectiva é passível de questionamento pelo fato da cultura ser construída por várias personalidades, porém, ainda que a cultura seja criada por grandes personalidades, estas carregam valores que acabam sendo transmitidos e efetivados.

A objetividade dos valores pode ser mostrada, mas não demonstrada. Os valores se encontram em um plano distante da lógica. Isto implica na busca por outras formas de

pensamento e de conhecimento, caso contrário, não será possível elevar-se à esfera dos valores, que é a esfera do Bem, do Belo e da Verdade (HESSEN, 1980, p. 100-5).

Diante desta problematização, vê-se que estabelecer um critério preciso que possa validar ou não os valores é uma atitude muito difícil. Por maiores que sejam as tentativas de entendimento, sempre haverá uma lacuna a ser preenchida, pois os valores fogem do plano lógico.

5 A CLASSIFICAÇÃO DOS VALORES

Dentro de uma classificação dos valores, é possível certificar-se da existência de diversos valores. Hartmann foi quem melhor sistematizou esta classificação, esclarecendo que não se trata de uma classificação definitiva dos valores, mas de uma aproximação.

A classificação dos valores se dá sob duas perspectivas, a saber: formal e material. Do ponto de vista formal, os valores estão divididos em positivos e negativos, valores pessoais e reais, valores autônomos e dependentes. Dentro da perspectiva formal, o valor positivo diz respeito àquilo que se expressa como valor. Neste caso, o conceito de valor tem duas vertentes: o valor pode ser entendido como valor em geral, como conceito neutro ou como aspecto positivo contrapondo o negativo.

Aqueles que podem pertencer unicamente às pessoas, como é o caso dos valores éticos, são chamados valores pessoais; os valores reais encontram-se ligados a objetos ou coisas impessoais que ganham a atribuição de valores. Os valores que se caracterizam pela independência de qualquer outro valor, residindo assim na própria essência, são chamados de autônomos. Em contrapartida, os valores dependentes não têm valor em si, mas em relação a outro valor (HESSEN, 1980, p. 106-8).

Na perspectiva material, os valores podem ser classificados em sensíveis ou espirituais. Os valores sensíveis acenam ao homem enquanto simples ser da Natureza e podem ser valores do prazer, vitais e de utilidade; os valores espirituais, que se referem ao homem enquanto ser espiritual, podem ser lógicos, éticos, estéticos e religiosos.

Os valores do prazer não são apenas aqueles geradores de prazer e satisfação, mas também tudo aquilo que é capaz de provocá-los, como bebidas e comida. Aqueles valores que são próprios da vida, como a força e a saúde, são chamados de vitais. Os valores de utilidade dizem respeito ao que serve para satisfazer as necessidades da vida, bem como os instrumentos que podem servir para a criação destes bens, como habitação e vestuário.

Segundo Hessen (1980, p. 110), os valores espirituais se distinguem dos sensíveis pela *imaterialidade*, perdurabilidade e validade absoluta e condicional. Os valores lógicos podem ser entendidos de duas formas, a primeira enquanto função do conhecimento: a posse da verdade, o saber; e a segunda enquanto conteúdo do conhecimento, passando pelo par de conceitos: *verdadeiro-falso*. A proposição que for considerada verdadeira será um valor lógico positivo. Numa situação contrária, onde a proposição for negativa, tratar-se-á de um valor lógico negativo.

Os valores éticos, que também podem ser chamados de bem moral, são dotados de características essenciais. Inicialmente, faz-se necessário ressaltar que somente as pessoas, seres espirituais, podem portar estes valores, tornando-os relativamente restritos. Estes valores se conformam a suportes *reais*, distinguindo-se dos valores estéticos que têm como suporte algo irreal.

O caráter de exigência e imperativos absolutos é uma das características que consiste em um categórico que diz *tu debes fazer* ou *tu não debes fazer* isto ou aquilo; consiste em uma exigência da consciência que pede a realização de determinado ato. Surge aqui mais uma distinção dos estéticos que não estabelecem exigência alguma, nem se impõem.

Os valores éticos dirigem-se a todos os homens, por este motivo lhes são atribuídos como característica a universalidade. A constituição de norma de conduta que atinge todos os âmbitos da vida humana revela a exigência ilimitada destes valores, impossibilitando uma atitude contrária a eles. Por este motivo, podem ser chamados também de *totalitários*. Apesar de compreender uma dimensão material, o bem moral é em si mesmo de natureza *formal*, que consiste na busca do valor mais alto (HESSEN, 1980, p. 113-5).

Tratando-se dos valores estéticos, constata-se que, além das pessoas, pode-se aderir também a coisas; o seu valor tem fundamento na *aparência*, ou seja, trata-se de um valor de expressão, que quer dizer algo. Além disso, é possível ter acesso *imediate* e *intuitivo*; imediato porque a qualificação dada a determinado objeto é a daquele momento; intuitivo porque, de alguma forma, é necessário utilizar-se da intuição por meio de algum dos sentidos para a compreensão da essência de um objeto, trata-se da intuição estética.

Por fim, dentro da perspectiva espiritual, têm-se os valores religiosos, ou do Santo, que são caracterizados pela negação de um dever-ser, pois são de um ser. Não existe necessidade de realização destes valores, pois eles já são realidade. O Santo é, ao mesmo tempo, *valor* e *ser*, uma realidade valiosa, onde se funda sua *transcendência*. É nesta esfera dos valores religiosos que se pode encontrar a entrada verdadeira para a religião. “Esta não

está, de modo algum, nas nossas faculdades do entendimento, mas deve-se procurar no único plano onde reside para nós o órgão de todo o conhecimento axiológico: a experiência e a vivência interiores da alma” (HESSEN, 1980, p. 115-20).

6 CONCLUSÃO

O intento desse trabalho não se reduziu a uma definição, conceituação, validação ou à classificação dos valores, mas tratou de instigar o aprofundamento sobre esta temática que reflete a vida humana em todos os seus aspectos. O pensamento de Johannes Hessen favorece a valorização dos valores, dado que, à medida que o relativismo ético se fortalece, a inversão valorativa ganha espaço e consolidação.

Importa ressaltar que só o homem é capaz de valorar, atribuir valor às coisas, aos seres, sobretudo aos seus iguais. Por isso, tratar da filosofia dos valores a partir de Hessen é tratar do bem comum, da busca pelo mais alto valor do homem que se dá em cada um, conforme o cosmos valorativo que se tem, o que torna essa temática ainda mais relevante.

REFERÊNCIAS

BAMBIRRA, Felipe. Max Scheler e a gênese axiológica do conhecimento. In: Congresso Nacional do CONPEDI, 17, 2008, Brasília. *Anais...*Brasília: CONPEDI, 2008. p. 4093-4928. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/pdf/m16cm.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017.

BASTOS, Lucília Izabel Candini. Valores, princípios e regras. *Revista Jurídica do Uniaraxá*, Araxá (MG), v. 10, n. 9, p. 211-227, 2006. Disponível em: <<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/juridica/article/view/366>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

HESSEN, Johannes. *Filosofia dos valores*. Tradução por Cabral Moncada. Coimbra: Armênio. Amado Editor. (Studium), 1980.

LORIERI, Marcos Antônio. Ética no ensino de filosofia: contribuição para a formação do jovem. *Revista Primus Vitam*, São Paulo, n. 1, p. 1-12, jul-dez. 2010. Disponível em: <http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/marcos.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2017.

PEREIRA, Fernanda S. R. A tese da analogia entre lógica e ética em Brentano e Husserl. In: *Seara Filosófica*, n. 8, Inverno, 2013, p.103-120. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/viewFile/3926/3233>>. Acesso em: 25 ago. 2017.